



www.lettras.ufscar.br/linguasagem

O FRIO E A FLOR

Renan Augusto Ferreira Bolognin¹

Estava frio. Eu ao menos sentia frio. Estava sentado em um restaurante, sozinho. Eu, Moacir Saraiva, e o frio. Acendi meu cigarro pensando que assim poderia me distrair do frio. Não deu certo. Pedi ao garçom que me trouxesse um café:

-Garçom, traga-me um café.

Não adiantou. O frio há muito tempo estava acompanhando minha rotina. E eu não sabia o que fazer para desgarrá-lo de mim.

Avistei ao longe Dagoberto Diúlio e chamei-o. Ele atendeu a meu chamado e foi sentar-se junto a mim.

- Como está amigo? Perguntei-lhe.

- Estou bem. E você? Conseguiu superar aquela perda?

Senti-me inquieto, nervoso. Achei Dagoberto um tanto quanto inconveniente. Já fazia quase dois anos que não me encontrava com ele. Desde que trabalhamos juntos em uma pedreira. Durante a conversa com Dagoberto esqueci o frio por um instante. Em contrapartida, ele voltara com a inconveniente pergunta de meu amigo. Eu espantava as pessoas que gostariam de se aproximar de mim com minha forma física. Meus lábios estavam roxos e descascados do frio, o rosto estava pálido e os cabelos embranquecidos.

¹ Aluno da Licenciatura Plena em Letras Português- Espanhol, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: renanbolognin@hotmail.com

-Meu caro, Dagoberto, tenho que ir agora. Espero que não se importe. Tome, aqui, está a minha parte da conta. Adeus. Disse isto e me levantei da cadeira da qual estava sentado.

Peguei minha maleta – que servia para denotar um falso emprego que tinha – e segui pelas escuras e frias ruas da tarde que sofria uns trinta graus de temperatura.

Andando pelas ruas, a esmo, senti a vontade de acender um cigarro. Depois fumei outro. E outro. E mais outro. Éramos nós dois. Movidos pelo entendimento formávamos o casal perfeito. Meus cigarros já faziam parte de meu corpo, meu corpo já era parte dos cigarros. Eles se dispunham a me proporcionar o melhor que poderiam oferecer por um simples banho de fogo em suas pontas. Não se importavam com quem eu era. Dávamos um ao outro o que realmente achávamos importante. Simplificando: mantínhamos uma relação de troca.

Por mais que a chama de meu cigarro tentasse me aquecer, ainda sentia um frio muitíssimo intenso. Sentia meus braços serem corroídos, consumirem-se de tanto desgaste.

Continuei por um trajeto para o não sei onde e que não sei o porquê. Eu, ao deparar-me com uma árvore parei. Entre toda a rua fria e escura se destacava por sua luz, que cintilava em seu redor.

-Que diabos é isso? Exclamei tenso.

Repentinamente, aconteceu algo espantoso: de um dos galhos da árvore brotou uma flor. Que não era branca e nem era vermelha. Não era rosa nem margarida. Uma árvore que não possuía flor até o momento. Eu havia visto um milagre da natureza?

Ao longe, pude perceber que parecia existir algo inscrito em uma de suas pétalas. De súbito retirei a flor do galho da árvore. Senti meus ossos congelarem. Por consequência desse ato toda a árvore murchou-se, e morreu, no mesmo instante. Esvaiu-se para dentro da terra. Será que aquela iluminada árvore representava toda a esperança que eu havia perdido?

Tentei não me transtornar com aquela imagem. Preferi esquecer tudo e ler a inscrição da pétala:

Vida e morte andam juntas.

Essas palavras me instigaram muito. O que significariam? Preferi não pensar. Na minha vida quanto mais se pensa, mais frio se sente.

Continuei caminhando. Avistei um bar. Decidi beber uma dose de vodka. Bebidas, às vezes, ajudam a esquentar o corpo. Porém, não sou nenhum desesperado. Uma dose é mais que o suficiente.

Continuei minha caminhada a esmo. Essa era minha sina. Procurando o que não poderia ser encontrado. Desejando o que não se deve desejar. E sempre na companhia nada amigável do frio.

Há uns dois meses um psiquiatra quis me internar, acusando-me de insanidade mental... Sei que não sou louco. Admito ser frígido. Louco não!

Andando pelas ruas, passei em frente à casa de certa Soraia Alcina. Ela fora minha primeira namorada. Quando em frente do portão de sua casa me viu, interpelou-me:

-Olá, meu Querido. Como está?

-Bem, obrigado. Minha vida está muito fácil de viver.

-Ótimo. Mesmo estando há tanto tempo sem você rezo por sua felicidade. Convido-o a entrar. Jante comigo esta noite. Se estiver cansado também poderá pernoitar. Sabia que ainda penso em você?

-Desculpe-me. A única coisa que preciso é de algo que me aqueça, e não alguém para me aquecer. De coração, preciso de calor e não de nostalgia.

-Eu posso te dar qualquer coisa, meu Querido. Desde que você queira...

-Não! Volte para onde veio! Deixe-me em paz!

Após essas palavras desapareci pela escura e fria rua.

Decidi tirar a flor da iluminada árvore de meu bolso e colocá-la embaixo do braço. Segui um rumo agora: decidi ir ao cemitério. Mesmo não sendo um lugar de boas recordações.

Aproximei-me do túmulo que me interessava. O frio tornou-se mais violento. Meu coração acelerou-se. Senti calafrios. Já tinha chegado ali. Não poderia desistir! Retirei do bolso do meu sobretudo uma fotografia de minha garotinha de 12 anos, vítima de um latrocínio. Não tentei me vingar.

Coloquei o retrato sobre o mausoléu. Sobre o retrato coloquei a flor da minha iluminada árvore. Também escrevi um bilhete a ela, cujos escritos prefiro não mencionar. Rezei um Credo (a oração mais poderosa) e decidi ir embora.

Analisei os escritos da flor e acho que entendi o que significavam. Por dois anos seguidos tenho realizado essa caminhada. Há dois anos que não sei o que é viver. A flor estava certa. Vida e morte andam juntas!

Estou morto.

Recebido em: 3 de outubro de 2010.

Aceito em: 14 de outubro de 2010.